

O FILME O CÍRCULO E A VIGILÂNCIA NAS REDES SOCIAIS

Victor Reis Monteiro de CASTRO (IC) e Patricio DUGNANI (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

As redes sociais intensificaram a mudança nas relações humanas presente na contemporaneidade. A privacidade cada vez menos é uma condição inata para a sociedade. Além disso, a vigilância é vista com normalidade e constância nunca antes conhecida. O filme e livro que contam a ficção de O Círculo ilustra bem o horizonte para onde essa realidade caminha. Apresentando uma empresa de tecnologia digital poderosa a história inspeciona questionamentos quanto à inevitabilidade de uma mutação no que é público e o que é privado. A pesquisa bibliográfica proposta tem o objetivo de encontrar e traçar relações entre teóricos e pesquisadores que previram, analisaram ou discorreram sobre o tema da vigilância e da relação com os meios de comunicação.

Palavras-chave: Vigilância. Privacidade. Redes Sociais.

ABSTRACT

Social media have intensified changes in interhuman relationship present in contemporary times. Less and less privacy is an innate condition for society. In addition, surveillance is viewed with normality and constancy never before seen. The work of fiction The Circle illustrates well the direction in which this new reality is heading. Introducing a powerful technological company, the story raises questions about the inevitability of changes in the concept of what is public and what is private. This bibliographic research aims to trace connections between theorists who predicted, analyzed or discussed the theme of surveillance, privacy and their link with social media.

Keywords: Surveillance. Privacy. Social Media.

1. INTRODUÇÃO

O Círculo (2017), filme dirigido por James Ponsoldt e baseado na obra de Dave Eggers, *The Circle* (2013), propõe reflexões relevantes para a contemporaneidade a respeito da vigilância nos meios de comunicação, com um foco especial nas redes sociais. No papel de Mae, a atriz Emma Watson representa uma garota que, ao conseguir um almejado emprego numa gigante empresa de tecnologia e inovação, vive em meio a diversos projetos que prometem revolucionar a vida como ela é. Sempre em torno de questionamentos dos limites da privacidade, os projetos propostos fazem o espectador pensar em até que ponto é possível manter experiências apenas particulares e o quão presente é a vigilância. A empresa a qual a protagonista é contratada é algo como uma fusão entre Google e Facebook, empresas reais que também promovem uma gigante quantidade de inovações e move uma gigante quantidade de informações: data. Além de serem as maiores detentoras de websites e aplicativos de rede social, sempre estão fazendo transações para adquirir o que se torna popular no momento, seja o querido dos brasileiros WhatsApp ou o descolado Instagram. Google e Facebook são empresas privadas com uma *database* perigosamente grande, e isso tudo tem a ver com o propósito, e mensagem que o filme busca transmitir, lembrando que existe um grupo pequeno de pessoas que tem em mãos informação sobre cada usuário de suas redes. Dessa forma, esclarecendo o paralelo que o filme faz com a realidade, a empresa fictícia do filme, chamada justamente de O Círculo, possui uma rede social que cada vez mais domina a mente das pessoas e invade, com seu modelo privado, a esfera pessoal de cada um.

As tecnologias durante o filme são abordadas, de certa forma, sem limites de verossimilhança, ao passo que uma empresa daquele porte é poderosa o suficiente para fabricar, por exemplo, pequeníssimas câmeras que, além de filmar o ambiente em HD o tempo todo, também é personalizada com cores para se camuflar onde é posta. Essa câmera, além de filmar, identifica várias características geofísicas de onde está, como a temperatura do ar, o vento, etc. A empresa também apresenta no filme o surpreendente programa SoulSearch, que promete encontrar qualquer pessoa na face da Terra, apenas com a ajuda dos usuários, suas câmeras e depoimentos. No entanto, o mais importante a ser analisado nessa pesquisa são as correlações entre as redes sociais e a apresentada no filme. A rede social do filme, a *TrueYou*, compartilha muitas características com o Facebook e o Google+, com um impressionante incentivo a compartilhar o que pode não ser necessário, apenas para completar cada vez mais um perfil virtual, onde ostenta-se viver uma vida, muitas vezes de fachada, meramente superficial. O filme, ousando investigar ainda além, propõe no segundo ato que, eventualmente, tal rede social se torne obrigatória para todos os cidadãos

americanos, agregando o máximo possível de funções. Seria uma plataforma em que se encontra uma união de serviços como pagar estacionamento, pagar imposto de renda ou até mesmo, em relação as eleições, elas poderiam ser feitas na plataforma privatizada, divulgando uma visão de que ajudariam a atingir uma democracia nunca antes alcançada. Na verdade, o que mais tarde admite-se, é que cada vez mais dados pessoais estariam no monopólio de uma empresa privada, por isso se torna necessário pensar na presença de uma vigilância com tamanho porte, e isso muito conversa com os limites da privacidade e sua evaporação, apresentados ao longo do filme, e que parecem refletir um fenômeno que já estaria ocorrendo em nossa sociedade.

As redes sociais são de uma interatividade até então ainda não conhecida no mundo, ampliando a eficiência da globalização. Os efeitos colaterais de uma globalização, inevitavelmente crescente, nunca foram sequer imaginados até poucas décadas atrás. Vive-se num contexto onde o uso desenfreado das tecnologias emergentes mudam a sociedade ao mesmo tempo em que se tenta mensurar as consequências, sejam elas positivas ou negativas desse fenômeno.

Análises e estudos, por exemplo, surgem em jornais e revistas como Forbes (2017), BBC (2018) ou Time (2017) declarando claro link entre ansiedade e as redes sociais. A vida de aparência omite e distorce a realidade, apontam. Uma palestra de Cal Newport em uma TEDTalk de 2016 abertamente insinua que as redes sociais muito mais fazem mal do que gostamos de acreditar, e que pouco está acrescentando da forma que são usadas. Sendo assim, chega-se à recomendação de que não deveríamos usá-las. Diversos blogs, documentários e livros aparecem com críticas pertinentes a respeito de uma significativa perda da capacidade de concentração, aumento alarmante do stress e da depressão e queixas infinitas de uma baixa autoestima em função da vida ostentativa e ilusória na web. Durante as *livestreams* de Mae, no filme, usuários se queixam de solidão através de comentários na transmissão.

No filme as consequências da inserção exacerbada no meio digital não deixam de ser abordadas. O personagem Mercer, amigo de infância da protagonista, se nega a ter qualquer envolvimento com as redes sociais, chegando até a se isolar no norte do país para viver fora desse mundo tecnológico que estava inserido. Esse personagem representa, através de diversos diálogos do filme, a queixa de que não é necessário estar na rede social para ser sociável, de que não precisa estar envolvido numa vida virtual para viver o real.

O questionamento que gerou a seguinte pesquisa, sendo assim o problema de pesquisa, foi de quais seriam as estratégias e consequências da gradativa redução da privacidade gerada pelo uso dos meios de comunicação, apresentados no filme *O Círculo*, e que relação direta têm com o contexto pós-moderno, a partir da visão de diversos teóricos. A justificativa para isso é que o tema da perda da privacidade já está a algum tempo, com a ajuda de diversos teóricos, sendo trazido à tona. No entanto, mesmo após o filme *O Círculo* abordar um tema tão importante, o debate não se tornou mais publicamente discutido. Sendo a perda da privacidade uma questão cada vez mais relevante, ao passo que é também pouco discutida, esta pesquisa é importante para profissionais de comunicação e, mais ainda, para toda a comunidade. Por se tratar de um tema presente na sociedade, é de suma importância fazer um levantamento bibliográfico dos autores que discutem essa questão, como Alvin Toffler (1980), e é importante trazer para o debate da sociedade a questão da perda da privacidade, tendo em vista as consequências desse fenômeno, como por exemplo a tendência à ostentação nos meios de comunicação digitais.

O objetivo primário da pesquisa é relacionar premissas e conclusões feitas pelo filme *O Círculo* com a realidade, esclarecendo da melhor forma possível a perda da privacidade através das redes sociais e fazer digna análise da situação atual. Os objetivos secundários são de analisar o filme *O Círculo* e relacionar seu tema com a questão da vigilância na Pós-modernidade e fazer um levantamento dos autores que abordam essa questão. A hipótese é a de que a redução gradativa de privacidade está de fato acontecendo na Pós-modernidade, principalmente através do uso dos meios de comunicação digitais, e pode ser comparada com os acontecimentos do filme. Por fim, os procedimentos metodológicos da pesquisa se resumem em se tratar de uma pesquisa bibliográfica exploratória, pois a partir da leitura de estudos de teóricos que abordam, ou o assunto tratado da pesquisa diretamente, ou outros assuntos relacionados com o tema da pesquisa, serão debatidas com as questões da Pós-modernidade, através da escrita no período proposto, perscrutando qualquer análise passível de ser feita entre os teóricos lidos, e os relacionar com a temática do filme *O Círculo*. Alguns dos temas que tangem a proposta aqui dissertada e que pretendem ser lidos e estudados são: vigilância, privacidade, redes sociais, relações pós-modernas, globalização, panotismo, monopólio da informação, democratização de conteúdo, produção de conteúdo, mudança no consumidor de conteúdo e aparência e ilusão em perfis virtuais.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1. O FILME

O filme *O Círculo* conta a trajetória de uma garota chamada Mae na empresa de tecnologia e rede-social *O Círculo* e os desdobramentos que sua carreira causa na sua vida

peçoal. A empresa cria ao longo do filme alguns aparelhos que desafiam o conceito de privacidade aplicado para o grande público, criando, por exemplo, as microcâmeras camufláveis intituladas *Seechange*. A empresa também adota atitudes que, da mesma forma, testa os limites de que tipo de mensagem é válida ser emitida para uma massa de pessoas, ou seja, para a esfera pública e o que deve permanecer na esfera privada. Em dado momento do filme, por exemplo, a protagonista se vê numa situação onde conduz uma transmissão ao vivo a respeito de sua própria vida, desde a hora que acorda até a hora de dormir. A medida que o filme desenvolve esses conceitos, Mae transita entre o que ela concorda ou discorda nessa discussão da vigilância, privacidade, público e privado. Em diversas cenas é possível perceber o processo de assimilação daquilo que acredita ser certo, ou avaliar que algo precisa ser repensado. De uma forma geral Mae tende a sempre acreditar que é positiva, ou pelo menos neutra, à diminuição da privacidade, mesmo em momentos onde o conceito se mostra degradante para o mundo ou para si mesma. A firmeza com que busca alcançar o potencial da ideia de reinventar os limites da privacidade é marcante sobre a personagem.

Com relação aos demais personagens do filme, que compõem visões distintas sobre o mesmo ponto central, o da absorção e mutação dos limites da privacidade, há também análises a serem feitas a partir da posição que ocupam no filme. O antigo melhor amigo de Mae, chamado Mercer, é um garoto simples que resolve até o último momento não se filiar ao mundo tecnológico e virtual. No final do filme acaba morrendo por uma perseguição que visa pressioná-lo a aderir ao estilo de vida tecnológico. Ty é o fundador original do Círculo, e vê a questão como um erro. Analisa que tudo aquilo está indo longe demais e mudanças são necessárias. Por fim, Eamon é o CEO da empresa e impulsiona a diminuição da privacidade de uma forma extrema visando o poder que isso trará à empresa e a ele mesmo. O resultado é um filme com uma riqueza de detalhes que propõem análise mais aprofundada.

Em uma cena do filme, durante uma entrevista em seu processo seletivo para ser contratada para trabalhar no Círculo, Mae responde uma série de perguntas. Esse diálogo, que não existe no livro, é utilizado para que o espectador conheça melhor a personagem e quais valores ela possui. Durante o diálogo, ela diz que os objetivos do indivíduo devem ser os mesmos que o da sociedade como um todo e que seu maior medo é potencial não alcançado. Essas são duas características centrais que definem as motivações de Mae ao longo do filme. No decorrer da trama mostra-se como defensora da ideia de que a privacidade deve ser diminuída em função do bem comum. Quando decide fazer com que todos seus dias sejam uma longa transmissão ao-vivo, o faz porque acredita que todos têm direito de ver aquilo que ela vê; viver o que ela vive. Suas decisões individuais são todas justificadas pelo que ela acredita que significará um avanço para a sociedade. Esse avanço seria a

democratização do máximo de informação que a sociedade consiga disponibilizar. Eventualmente ela começa a associar, e confundir o conceito de privacidade com o de segredo e o conceito de vigilância com o de segurança. O embate, no filme, se mostra no questionamento sobre seus atos, se eles são benéficos ou não e como os aperfeiçoar quando se mostram pouco funcionais.

Mais adiante no artigo, o filme será analisado com as devidas relações com a Pós-modernidade, as redes-sociais da vida real e a questão da privacidade e vigilância. O filme O Círculo é utilizado como alegoria para que, a partir dos acontecimentos nele contidos, sejam abordadas questões da realidade.

2.2. PANORAMAS: A GLOBALIZAÇÃO, A PÓS-MODERNIDADE E AS REDES-SOCIAIS.

A expansão da globalização foi extremamente significativa nas últimas décadas. Durante o século XX diversos pensadores teorizaram sobre qual seria o futuro da sociedade e quais impactos seriam gerados a partir do fomento da globalização e a mudança de paradigma no acesso à informação. Um desses pensadores é Alvin Toffler, que discorreu em sua obra A Terceira Onda (1980) suas previsões, em gerais otimistas, a respeito do futuro da civilização após a morte do industrialismo como era conhecido. Dizia que surgiriam “meios de comunicação da terceira onda” (p. 178), os quais se encaixam os meios de comunicação digital, e que neles a sociedade teria sua maior possibilidade de democracia, sendo utilizada para renovar o conceito de justiça e sensatez. Essa ideia conversa muito com algumas cenas do filme, em especial com a proposta de tornar a TrueYou, a rede social do filme, um meio de unificar serviços, fazendo, até do processo de eleições presidenciais, uma ação integrada à rede, justificando que assim se tornaria um ato mais democrático, pois todos, em qualquer parte do país, utilizariam do sistema, e não haveria como ou porque se esquivar do ato de votar.

Alvin Toffler também foi pioneiro na identificação de data e informação como o negócio (business) mais importante que cresce no mundo, fazendo jus à fama que personagens e caricaturas de espões andam recebendo já a tantas décadas: ora, seriam “o símbolo vivo da revolução que invade a infosfera” (TOFFLER, 1980, p. 162). Mais adiante apresenta o conceito que muito tem a ver com a pesquisa aqui proposta: o de prosumidor, cunhado por ele próprio para designar um consumidor que produz conteúdo (*productor + consumer*), característica que seria presente e marcante na fase civilizatória a qual a sociedade se encontra. No filme O Círculo essa característica é dada como presente impreterivelmente em todos os indivíduos, que, não apenas estão conectados a todo o tempo, também produzem

conteúdo e consomem conteúdos uns dos outros, que se misturam para formar uma grande rede de informação e dados, estando livre para o uso de quem quiser utilizá-los.

As redes sociais têm como seu atributo central a interatividade. No entanto essa interatividade é distinta em relação a como ela era no passado. O lugar o qual a rede social ocupa hoje na sociedade, e seu papel central na ampliação da globalização, evidenciam que a interatividade vivida, hoje, a partir dela é singular em relação a qualquer outra época. Isso significa que vários de seus efeitos estão sendo estudados à medida que acontecem. Começam a aparecer estudos cada vez mais recorrentes da crítica ao estilo de vida consagrado pelo advento das redes sociais. É numerosa a quantidade de artigos ressaltados e publicados em sites e influência, como o Time com o *Why Instagram Is the Worst Social Media for Mental Health* (2017), a Forbes com o *6 Ways Social Media Affects Our Mental Health* (2017) e o *New Studies Show Just How Bad Social Media Is For Mental Health* (2018) ou a BBC com o *Is Social Media Bad For You: The Evidence and The Unknowns* (2018). Numa TEDx Talk de 2016 o palestrante Cal Newport abertamente anuncia que as redes sociais são maléficas, e que todos as deviam abandonar. Fica, então, evidente que, com o cenário da globalização inevitavelmente crescente, não eram sequer imaginadas consequências desse gênero patológico, como existe na sociedade pós-moderna, até pouco tempo atrás.

Com a ampliação do acesso à informação por grande parte da sociedade, algumas mudanças no modo de pensar e o conceito de organização foram transformados, principalmente para as gerações mais recentes. Isso é o que Toffler chama de cultura *blip*. É uma nova cultura que nasce intrínseca a essa nova geração da sociedade que recebe infinitos pedaços distintos de informação, quase sempre incompletos, desconexos e ausentes de tradição ou significado, porém, mesmo assim, encontram uma forma de naturalmente unir esses *blips*. Hoje facilmente relacionado ao conteúdo das redes digitais e à internet de uma forma geral, esse fenômeno fica claro. Toffler, porém, em 1980 prevê que não se incomodar com essa falta de organização seria típico dos nativos da terceira onda, pois, de ali em diante, não seria considerado por eles uma falta de organização a fragmentação, apenas uma nova forma de se organizar. Nas redes sociais, onde se acompanha de forma corriqueira a vida de centenas de pessoas, o posicionamento de inúmeras marcas, notícias sobre a sociedade e qualquer tipo de novidade e informação, muitas vezes não existe uma união clara entre quase nada contido ali. Embora não seja muito comum a busca por aprofundamento em nenhum desses tópicos, essa superficialidade não incomoda nem desorganiza a cabeça do indivíduo pós-moderno, para Toffler.

Nas redes sociais o indivíduo é vigiado ao passo que é também vigilante, anunciando publicamente tanto sobre sua vida privada, assim como o faz muitos outros em suas redes. O

panorama dessa situação singular da vigilância e algumas justificativas para sua origem podem também ser traçadas por teóricos que analisaram a situação prévia e muito condizem com o novo paradigma o qual a pós-modernidade está inserida.

2.3. VIGILÂNCIA E PRIVACIDADE

Hannah Arendt descreve em sua obra *A Condição Humana* (2018) a diferenciação histórica do *público* e do *privado* em contraste com o que se tem hoje. De uma forma geral é importante destacar que com o advento da cidade-Estado na Antiguidade, torna-se relevante e necessário a percepção de que o homem possui duas esferas em sua vida. Além daquela chamada de privada, adquire uma espécie de segunda vida, pública, que zela por tudo aquilo que é *comum*. Isso significou a inédita atenção ao ato de falar uns com os outros, discutir e praticar o discurso, ou seja, tornar-se um humano político. A partir disso Arendt alerta que começa uma “irresistível tendência a crescer, a devorar os domínios mais antigos do político e do privado, bem como a esfera da intimidade, instituída mais recentemente”. (ARENDR, 2018, p. 56)

Naturalmente, torna-se inevitável traçar uma relação com as redes sociais na Pós-modernidade. A esfera do íntimo fica cada vez mais tênue e tudo aquilo que diz respeito a privacidade fica em cheque. Dentro de ambientes virtuais desse gênero exige-se não menos que a fomentação desse comportamento compulsivo de diminuição de privacidade, que se torna para o sistema uma moeda para a segmentação personalizada voltada à publicidade. Não somente movidos ao incentivo, torna-se genuinamente “irresistível”, como descreve a autora, para o usuário atravessar os limites do que diz respeito a si mesmo, o privado, e do que poderia estar relacionado à esfera pública.

A esfera pública desde seu início parece tomar um rumo para qual os indivíduos, intuitivamente, conseguem enxergar o mundo com cada vez menos razão e espaço para a esfera privada. Arendt coloca que Platão prevê esse movimento de ampliação da esfera pública. “Até Platão, cujos planos políticos previam a abolição da propriedade privada e a expansão da esfera pública ao ponto de aniquilar completamente a vida privada (...)” (ARENDR, 2018, 36).

Já existiam, porém, estruturas que, enquanto hoje são intuitivamente ditas como públicas, na verdade não o são. É o caso do conceito de governar e ser governado, que Arendt discorre como tendo origem na família, desde pelo menos a época da *polis* grega. Isso significa que é impossível ou, no mínimo, pouco provável conseguir de fato aniquilar uma esfera primordial na humanidade, que é a privacidade. Porém se torna mais fácil ilustrar que mudanças no paradigma entre público e privado acontecem ao longo dos séculos, não cabendo apenas julgá-las como corretas ou não.

Hannah Arendt não é a única capaz de ilustrar esse fenômeno. O filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman em seu livro *Modernidade Líquida* (2001), analisa a sociedade contemporânea de uma forma geral, e faz uma análise do que acontece nos meios de comunicação de massa em termos de mudança de paradigma entre público e privado.

Nos programas de entrevista, palavras e frases que se referem a experiências consideradas íntimas e, portanto, inadequadas como tema de conversa são pronunciadas em público – para aprovação, divertimento e aplauso universais. Pela mesma razão, os programas de entrevista *legitimam* o discurso público sobre questões privadas. Tornam o indizível dizível, o vergonhoso, decente, e transformam o feio segredo em questão de orgulho. (BAUMAN, 2001, p. 89)

Bauman aponta uma característica da transição do que é aceitável ser discutido de forma pública ou privada, que muito marcou os meios de comunicação de massa, e facilmente se aplica no contexto pós-moderno das redes sociais e da internet. A partir do exemplo de *programas de entrevista* é passível de leitura que as postagens desenfreadas em perfis virtuais, sobre aspectos nunca antes discutidos cara-a-cara, ditam a nova norma da nebulosa distinção entre o que é público e o que é privado.

Se, como foi revisado, as delimitações acerca da privacidade tomaram novas formas, é razoável assumir que o paradigma da vigilância também sofreu alterações. A vigilância é uma variável diretamente relacionada com o que se tem como público ou privado, sendo que é gerado, naturalmente, um aumento da vigilância quando há uma perda da privacidade.

Para que seja melhor ilustrada a relação entre o conceito de vigilância com o de privacidade é preciso analisar a forma como a vigilância é percebida. Vejamos, no senso comum, geralmente, o conceito de vigilância muito está ligado ao conceito de *segurança*, o que nem sempre é verdade. Enquanto é possível compreender diversos benefícios da ideia de vigília, tanto como a sensação de segurança, é também importante ter um ponto de vista crítico e verificar consequências negativas para quando a vigilância está necessariamente ligada à perda da privacidade de uma outra pessoa. Se torna natural, e recorrente no contexto pós-moderno, que, para gerar a sensação de segurança proveniente da vigilância, o indivíduo abra mão da sua própria privacidade de alguma forma. Por exemplo, para que se sintam mais seguros ao caminhar pela cidade, ou para morar em um prédio, se tornou intuitivo ao indivíduo que disponha de câmeras em todas as direções, como Bauman descreveu a vida nos condomínios em seu livro *Vigilância Líquida* (2014). No entanto é pouco avaliado pelo sujeito pós-moderno o processo de perda da privacidade relacionado a esse ato. Como exemplo mais extremo pode-se citar o vazamento de documentos da vigilância global, coletados pela Agência de Segurança Nacional (NSA) dos EUA, que evidenciaram a gravidade do uso que

se faz dos dados de indivíduos. Os documentos, distribuídos em 2013 por Edward Snowden, mostraram atos gravíssimos, como o de que o governo americano possuía acesso ao registro de telefonemas de seus cidadãos e a existência de espionagem na vida de, pelo menos, 122 líderes mundiais, incluindo a ex-presidente Dilma Rousseff no Brasil.

No intuito de analisar o contexto da vigilância na Pós-modernidade é importante traçar alguns paralelos entre teóricos. Michel Foucault, filósofo do século XX, propõe em seu livro *Vigiar e Punir* (2014) uma metáfora para a sociedade a partir do modelo da penitenciária ideal de Jeremy Bentham, de 1785, que consistia de um mecanismo arquitetural capaz de gerar uma sensação de vigília constante nos prisioneiros. Esse modelo, chamado de panóptico, funcionava de forma centralizada e sem que o prisioneiro saiba se está ou não sendo vigiado a todo momento. Torna-se então razoável assumir que a vigilância é constante, fazendo com que o comportamento do preso seja completamente de acordo com o desejado pelo vigilante. O panóptico centralizado é chamado de ideal em função por dois fatores: pela otimização de recursos, teoricamente necessitando apenas um só vigilante, e pelo medo constante gerado no vigiado, que influencia seu comportamento. A metáfora de Foucault com o panóptico foi pertinente para se analisar, principalmente, os séculos XIX e XX. Para ele a vida era uma transição constante entre instituições semelhantes a essas penitenciárias, utilizadas como forma de controle social e vigilância. De uma forma geral, não se torna mais necessário o contexto penitenciário para gerar disciplina na sociedade que, naturalmente, Foucault chama de sociedade disciplinar.

O Panóptico [...] tem seu princípio não tanto numa pessoa como numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cujos mecanismos internos, produzem a relação na qual se encontram presos os indivíduos [...] pouco importa, conseqüentemente, quem exerce o poder. Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do diretor, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados [...] Quanto mais numerosos esses observadores anônimos e passageiros, tanto mais aumentam para o prisioneiro o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado. (FOUCAULT, 2014, p. 196)

O conceito do panóptico centralizado como visto acima está presente na obra de ficção 1984 de George Orwell. Na distopia existe uma entidade panóptica, chamada Big Brother (ou Grande Irmão), que é onipresente e gera medo em função da vigilância constante. No entanto, até certo momento, as utopias criadas em livros, como o de Orwell, e as previsões e análises feitas por teóricos, como Michel Foucault, poderiam eventualmente enfrentar a dificuldade da centralização dessa vigilância. Um sujeito pode não conseguir ser extenso o suficiente para que dê conta de algo tão diverso, numeroso e complexo como é a sociedade.

De acordo com Jerome Dobson (2007), porém, já estamos em um momento no qual o monitoramento não está mais centralizado em um só indivíduo ou grupo. Ele levanta a ideia de que a vigilância que há nos dias de hoje torna o Big Brother obsoleto, e passa a usar um conceito mais adequado denominado Little Brother (pequeno irmão). Com as câmeras e celulares espalhados, sistemas de rastreamento de mais fácil acesso e o comportamento vigilante das pessoas nas redes sociais, pode-se dizer que as delimitações de detenção da vigilância foram alteradas num paradigma pós-panóptico. A vigilância está nitidamente fragmentada entre os participantes das redes sociais da Pós-modernidade. Não mais com o detalhe limitante da extensão do vigiado, como era na metáfora do panóptico para Foucault, atualmente a vigilância está num estado de coletividade. Há, então, uma sensação constante de observação, que inevitavelmente é feita até mesmo pelo círculo social de cada indivíduo. Esse círculo é também aplicado às redes sociais e pautado na zona de conforto individual que, de acordo com Bauman (2014), é muito característico da Pós-modernidade e pode ser danoso no panorama da situação acerca da vigilância e privacidade.

2.4. SINTESE: O CÍRCULO E A VIGILÂNCIA

O Círculo começa já com dicas sobre como será o desenrolar da trama. Na primeira cena é tocada uma música chamada "*The Gift to be Simple*" (Inglês para *O dom de ser simples*) que logo após é pausada pela protagonista. Semioticamente isso significa a interrupção da ideia de simplicidade, que inicialmente representa a vida de Mae, que, no entanto, no decorrer do filme é totalmente negada.

A protagonista, pode-se afirmar, representa o caminho que a sociedade lentamente toma no longo prazo, em direção a mudanças sociais e alterações de comportamento. Suas ações representam a continuação do desenvolvimento ideológico que Bauman (2002) previu, de que a sociedade avaliaria como banal a exposição cada vez maior de assuntos privados. Mae, no filme, não desiste em nenhum momento de fazer de suas prioridades a diminuição da privacidade, culminando na tentativa de sua abolição. Suas ações são pautadas no mesmo otimismo que tinha Alvin Toffler (1980) quanto aos meios de comunicação da Pós-modernidade: a possibilidade de tornar o mundo mais democrático. Para ela o conceito de vigilância não era negativo, pois a fazia sentir segura. O personagem Mercer, antigo melhor amigo de Mae, durante o filme representa a contramão desse processo. Com ideias antagônicas às representadas por Mae, ele reafirma a necessidade da recuperação de valores tradicionais em torno da privacidade. Desde o princípio do filme ele assume ações que também são muito significativas. No seu primeiro encontro com Mae, após o carro em que ela estava quebrar espontaneamente (facilmente traduzido em falha *tecnológica*), Mercer a chama pra sair. A resposta de Mae é "Sim, vamos marcar, te mando uma mensagem de

texto.”¹ e em seguida o garoto anuncia que aquilo não fazia sentido, pois já estavam os dois ali, não havia necessidade de intermédio tecnológico algum para se encontrarem, ou combinarem algo concreto. É esse um exemplo bem nítido de duas vozes antagônicas que não estão apenas presentes no filme, como também em correntes de estilo de vida: seja ela adepta a uma imersão exacerbada na tecnologia ou pautada na naturalidade e casualidade da interação social em sua forma original. O que acontece é a distorção de valores na sociedade atual em função da inserção de valores sistematicamente inclinados à ordem, que Zygmunt Bauman (2001) define como sinônimo de “monotonia, regularidade, repetição e previsibilidade”. Não é intuitivo para o indivíduo pós-moderno lidar com a casualidade, pois ela está fora de seu controle, fora de sua zona de conforto. Quando Mae desconsidera a proposta de Mercer, está exatamente mostrando sua dificuldade de lidar com a casualidade de um encontro não combinado.

Os principais dispositivos e tecnologias criados hipoteticamente durante o filme ilustram bem os limites questionados da privacidade e vigilância. O primeiro apresentado, e o mais marcante, é a rede social chamada *TrueYou* (inglês para “O Verdadeiro Você”). Dentro da rede é possível adicionar amigos e colegas e se comunicar com eles, assim como é nas redes sociais da vida real. A missão dessa tecnologia é agregar o máximo possível de serviços à rede, tornando algumas atividades obsoletas para se cumprir uma função. Um exemplo disso é o projeto criado para aperfeiçoar o meio digital de maneira até mesmo irônica e contrastante, onde se poderia desde pagar por serviços cotidianos, como bilhetes de estacionamento, até realizar ações mais relevantes, como votar nas eleições presidenciais. O passo parece extremo à primeira vista, no entanto a protagonista defende fervorosamente que isso deve, em algum ponto, acontecer, pois a centralização de serviços só seria benéfica aos usuários. O grande problema dessa inovação seria o armazenamento de dados mais preciosos do usuário, que estaria na mão da empresa O Círculo. Na sociedade pós-moderna a situação é análoga. Grandes empresas de tecnologia, como o Facebook ou a Google, possuem uma quantidade impressionante de dados do usuário de seus serviços, sejam eles através das redes sociais ou por utilização do meio digital de forma geral, e vendem esses dados para anunciantes. Já em 2011 foi apontado pela *Wired*, e reforçado por muitos portais, como a *The Week* (2018) e a *Slate* (2018), que o usuário do Facebook, por exemplo, não é o consumidor da empresa. Muito pelo contrário, o usuário é na verdade o produto que essas empresas vendem. No ambiente *online* se tornou comum que serviços como as redes sociais, mecanismos de busca ou serviços de mensagens sejam completamente gratuitos. Porém, como se diz num consagrado ditado: não existe almoço grátis. Essas empresas têm que

¹ Tradução do autor. Trecho original “*Yeah, I’ll send you a text*”.

manter servidores gigantes, realizar a manutenção diária de suas plataformas, evitar qualquer tipo de desestabilização a todo momento e ampliar seu posicionamento internamente e externamente. Tudo isso têm um preço, e ele é caro. Se não houvesse uma movimentação tão grande de capital atrelado a esse mercado ele não teria a força que tem. Isso se deve ao devido cliente atual de grande parte dessas empresas: os anunciantes. A publicidade encontrou no meio digital talvez a maior oportunidade de mídia descoberta em toda sua história. De repente pode-se alcançar personas extremamente específicas, numa quantidade considerável e por um preço consideravelmente menor do que anunciar nos meios de comunicação tradicionais. Essa é a forma a qual o Facebook e tantas outras plataformas encontraram seu ganha-pão. Não apenas vendem esse conceito como também o aprimoram, melhorando os algoritmos que geram essas personas, incentivando o uso de suas plataformas e criando novas formas de se anunciar.

As tendências estão aos poucos mudando, principalmente depois dos episódios críticos envolvendo influências eleitorais nos EUA, Brasil e tantos outros países em função dessas plataformas. Isso significa que o paradigma pode mudar e o foco dessas empresas se torne cada vez mais a geração de maior zelo pelos dados das pessoas. Em abril de 2019 o Facebook faz uma conferência de nome “The Future is Private” (inglês para O Futuro é Privado) e prevê mudanças na sua forma de funcionamento. A Apple, em março de 2019, anuncia novo posicionamento “*Privacy Matters*” (inglês para Privacidade Importa) também pregando essa inédita preocupação. Em maio o Google já indica intenções de tornar desse tópico também central em seu posicionamento futuro. Os usuários evidentemente estão cada vez mais desconfiados, e a reação dessas empresas já era esperado, pois apenas assim conseguem se manter no mercado.

Uma outra tecnologia criada na trama do Círculo é chamada de *SoulSearch* (Buscar alma). Sua função é encontrar qualquer pessoa no mundo em poucos instantes. A façanha é realizada através da ajuda de todos os usuários, que estão conectados e juntos buscam pela pessoa, comunicando o desempenho através de comentários e transmissões de vídeo. Tem como justificativa de sua existência o aproveitamento da união digital entre os usuários da rede *TrueYou* para encontrar pessoas que estão foragidas, perdidas ou de difícil acesso. É considerada, por parte dos personagens, uma utilidade pública e também benéfica para a sociedade. O custo dessa vigilância, disfarçada no conceito de segurança, é a violação da privacidade individual do sujeito buscado. Durante um dos testes do serviço a equipe do Círculo, com o aval de Mae (pressionada pelo público), resolve buscar seu amigo Mercer, que pouco antes havia se estabelecido no interior do país para se isolar do ambiente, a seu ver, excessivamente digital e violento. Os usuários conseguem encontra-lo e a experiência se torna uma verdadeira perseguição, gerando a morte do personagem, que cai de uma ponte

com seu carro enquanto tenta fugir das câmeras. A conclusão da personagem, a partir da falha dessa plataforma, é a de que ao invés de *buscar* por alguém, não se deveria perder o contato em nenhum momento. Ela diz em um último discurso, antes dos créditos finais, que está cansada das limitações entre as esferas público e privado. Nesse discurso ela diz que está decidida a nunca estar desconectada, no entanto diferentemente de seu posicionamento durante o decorrer do filme, distingue que acredita que a privacidade era uma fase temporária na sociedade, e que está pronta para um fim, tornando tudo público a todos, dizendo: “estou cansada da diferença entre o público e privado, vocês não?”, em meio a aplausos. Esse é o cenário que o filme traz à tona, e como visto ao longo desse artigo, de acordo com alguns teóricos não é tão distante de uma tendência real.

Assim como foi apontado durante os capítulos anteriores do artigo, a vigilância tomou uma proporção distinta de como ela era em outras épocas. O conceito de *Little Brother* de Dobson (2007) se encaixa perfeitamente na concepção do *SoulSearch*. O poder da vigilância individual frente à sociedade é grande e a torna tão presente que não é possível se isolar tanto ao ponto de tornar-se imune das câmeras e comentários dessa nova sociedade conectada.

Outra tecnologia desenvolvida hipoteticamente no filme, uma última dentre as principais, são as câmeras *SeeChange*. O intuito de criação dessas câmeras é a camuflagem em qualquer ambiente, para que se consiga filmar e adquirir informações sobre dado lugar, a todo tempo e de forma completa. Características como filmagem HD, análise de propriedades do ar e microfone são algumas das principais formas de penetração dessa tecnologia. Ao longo do filme são utilizadas para colaborar com a aquisição de imagens para a sociedade. Na cena da perseguição de Mercer, já próximo ao final do filme, o dispositivo também é utilizado para que se insira uma câmera no carro do perseguido sem que ele note. Essas câmeras invadem a privacidade de forma óbvia, condizendo com o que Zygmund Bauman e David Lyon escrevem em seu livro *Vigilância Líquida* (2013):

Tudo o que é privado agora é feito potencialmente em público – e está potencialmente disponível para consumo público; e continua sempre disponível, até o fim dos tempos, já que a internet “não pode ser forçada a esquecer” nada registrado em algum de seus inumeráveis servidores. Essa erosão do anonimato é produto dos difundidos serviços da mídia social, de câmeras em celulares baratos, sites grátis de armazenamento de fotos e vídeos e, talvez o mais importante, de uma mudança na visão das pessoas sobre o que deve ser público e o que deve ser privado. (BAUMAN e LYON, 2013, p. 20)

Todas essas tecnologias têm em comum a contribuição com o aumento da vigilância do Círculo em relação à sociedade. No final do filme isso é abordado de forma mais clara, com uma certa crítica à vigilância da forma como estava sendo feita. A protagonista discursa

frente aos milhares de espectadores propondo que os *CEOs* da empresa assumissem uma postura de transparência, assim como ela fez. O intuito disso era para que mostrassem a crença na ideia da diminuição da privacidade, que apontasse para a abolição desta, assim como Mae acreditava. Sem aguardar o consenso dos superiores ela torna disponível todos os documentos, e-mails e tipos de dados desses personagens, fazendo com que se tornasse evidente as verdadeiras motivações dos *CEOs* e a óbvia hipocrisia que era coletar dados de milhares de pessoas ao redor do globo e não tornar acessível os seus próprios.

Os acontecimentos do filme foram meramente um pano de fundo para que uma análise mais verossímil fosse feita a respeito da realidade. Muitos dos acontecimentos descritos acima são alegóricos às atividades realizadas no mundo pós-moderno. Ao longo do artigo foram abordados, e acompanhados de pensamentos de teóricos, esses temas presentes na realidade globalizada que fazem relação direta com os acontecimentos do filme.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos temas estão enlaçados em meio às mudanças no panorama da vigilância e da privacidade nos tempos atuais. A posição que os meios de comunicação digitais se encontram nesse debate se mostra central, principalmente as redes sociais. Em meio a tantas previsões e análises de teóricos, muitas delas feitas durante o século XX, é fácil perceber essas mudanças como atuais e significativas na vivência da sociedade.

Fica nítido que essa discussão estará cada vez mais presente com o passar dos anos, pois, como foi visto ao decorrer dos capítulos, cada vez mais variáveis se apresentam no contexto digital, colocando em xeque os limites da esfera privada. Isso acontece na realidade, tal qual ilustra, em tantas cenas, o filme *O Círculo*, dirigido por James Ponsoldt (2016). O filme não propõe retratar acontecimentos reais, e sim criar uma alegoria para o cenário onde a sociedade pós-moderna se encontra, e para onde caminha. Pode-se dizer que a hipótese de que a redução gradativa de privacidade está de fato acontecendo na Pós-modernidade, proposta no início da pesquisa, se confirma, ao passo que as redes sociais andam tomando atitudes semelhantes às da empresa do filme, sendo muitas vezes invasivas ao coletar informações de seus usuários. O problema de pesquisa proposto, questionando quais seriam as estratégias e consequências dessa redução da privacidade, também foi avaliado. As estratégias foram abordadas no texto principalmente a partir do ponto de vista do panóptico, ou seja, da vigilância centralizada. Da mesma forma, as consequências foram observadas através dos estudos que sugerem, a partir do uso das redes sociais, uma série de patologias e sintomas que essa vigilância estaria produzindo no sujeito pós-moderna.

Dentre os objetivos desse artigo estavam 1) esclarecer a relação da possível perda da privacidade atual com os acontecimentos do filme e 2) fazer levantamento de autores que

abordem o novo paradigma da vigilância e privacidade. Ambos objetivos foram cumpridos. Foi tomado como exemplo redes sociais existentes na vida real e atitudes por elas conduzidas, que indicam essa perda da privacidade, tal qual faz o filme. Assim como foi também presente no texto a utilização de diversos teóricos, muitas vezes acompanhados de suas citações, como Zygmund Bauman, Hannah Arendt, Alvin Toffler ou Michel Foucault para analisar a pós-modernidade, a privacidade e a vigilância.

Durante esse período de aproximadamente 2 anos de artigo muitos acontecimentos relacionados ao tema abordado aqui tomaram forma e geraram discussões públicas. É interessante lembrar, por exemplo, o quão mais fácil se tornou gerar conversas sobre assunto após o escândalo com a influência da *Cambridge Analytica*, em 2018, nas eleições presidenciais americanas. Observar a preocupação frente à bandeira da privacidade ganhar força em questão de meses, saindo de pouco falada, até poder promover mudanças no posicionamento de grandes empresas, demonstrou, então, a relevância dos assuntos tratados nesse artigo. Como visto no capítulo “Síntese”, em 2019, tanto o Facebook quanto a Apple já anunciaram novos posicionamentos, que demonstram o peso dessa aparente nova tendência de preocupação sobre as questões de privacidade. A Google num primeiro momento já indica também sua preocupação. Nesse sentido, quais seriam os próximos passos dessas empresas? Qual será a próxima grande empresa de tecnologia a também se posicionar? São questionamentos que decerto gerariam proveitosas pesquisas futuras.

Ao se aproximar do término desse artigo torna-se fundamental verificar sua importância, que certamente foi demonstrada a partir de tantas conversas proveitosas que tirou-se dele, tantos novos *insights* que foram expressados por aqueles que acompanharam a trajetória da pesquisa e a relevância dela em relação a assuntos atuais, que foram observados no período de produção. Parece razoável afirmar, mediante às questões apresentadas, que muito daquilo que foi escrito poderá servir de citação, inspiração ou justificativa para futuros estudos. A vigilância é um fenômeno notoriamente presente em nosso mundo, e a privacidade um bem em jogo, com muita polêmica em seu entorno. O futuro se mostra incerto, entretanto indica-se que o papel das redes sociais será decisivo numa paisagem ainda em construção. Há de se estar atento a tudo; questionar à volta para produzir estudos se torna valioso para o desenvolvimento de uma sociedade mais crítica e consciente. Até mesmo filmes que, muitas vezes, passem como pouco percebidos, como é o caso da obra abordada na presente pesquisa, geram questionamentos relevantes que são capazes de promover discussões interessantes e uma nova consciência para a sociedade.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Marco Antônio. *O Público e o Privado em Hannah Arendt*. **Universidade da Beira Interior**, s.d. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/antunes-marco-publico-privado.pdf>> Acesso em 18/01/2018

ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. *Vigilância Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRAKE, David; LIVINGSTONE, Sonia. *On the Rapid Rise of Social Networking Sites:*

New Findings and Policy Implications. **Wiley Online Library**, 2009. Disponível em <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1099-0860.2009.00243.x>> Acesso em 18/03/2018

BROWN, Jessica. *Is Social Media Bad For You: The Evidence and The Unknowns*. **BBC**, 2018 Disponível em <<http://www.bbc.com/future/story/20180104-is-social-media-bad-for-you-the-evidence-and-the-unknowns>> Acesso em 04/03/2018

CHOWDHRY, Amit. *Study Says Instagram Is Ranked The Worst Social App For Causing Young People To Feel Depressed*. **Forbes**, 2017. Disponível em <<https://www.forbes.com/sites/amitchowdhry/2017/05/31/instagram-depression/#5b79a8b97453>> Acesso em 09/03/2018

DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: **Contraponto**, 2003.

DOBSON, Jerome. *But, what about all those Little Brothers? Geofencing in the Land of the Free*. **Questia**, 2018. Disponível em <<https://www.questia.com/library/journal/1G1-172292643/the-panopticon-s-changing-geography>> Acesso em 29/02/2018

DUGNANI, Patricio. Os Olhos de Argos: Novas Mídias e Privacidade. **Anais do I Congresso de História da Mídia do Sudeste**, v. 1, p. 576-585, 2010.

DUGNANI, Patricio. Vigilância, Segurança, Espetáculo e o Fim da Privacidade. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia ALCAR, 2015, Porto Alegre. **Anais 10º Encontro Nacional de História da Mídia ALCAR**, 2015.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: **Vozes**, 2005.

GALIC, Masa; TIMAN, Tjerk. *Bentham, Deleuze and Beyond: An Overview of Surveillance Theories from the Panopticon to Participation*. **Springer**, 2016. <<https://link.springer.com/article/10.1007/s13347-016-0219-1#Sec2>> Acesso em 24/02/2018

GOLDMAN, Robert; PAPSON Stephen. *Information technology*. **St. Lawrence University**, s.d. Disponível em <<http://it.stlawu.edu/~global/glossary/simulacra.def.html>> Acesso em 15/03/2018

HIRSHLEIFER, Jack. *Privacy: Its Origin, Function, and Future*. **Jstor**, 1980. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/724176?seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso em 01/02/2019

LIMA, Vitor. *Vigiar e Punir, de Foucault, se estende às redes sociais*. **Webinsider**, 2010. Disponível em <<https://webinsider.com.br/vigiar-e-punir-de-foucault-se-estende-as-redes-sociais/>> Acesso em 24/02/2018

LUPICK, Travis. *In memory of George Orwell, tracing the surveillance state from PRISM to the Panopticon*. **Straight**, 2013. Disponível em <<https://www.straight.com/news/394886/memory-george-orwell-tracing-surveillance-state-prism-panopticon>> Acesso em 09/03/2018

MACMILLAN, Amanda. *Why Instagram Is the Worst Social Media for Mental Health*. **Time**, 2017. Disponível em <<http://time.com/4793331/instagram-social-media-mental-health/>> Acesso em 09/03/2018

MORARIU, Mihaela. *Public and Private in the anthropology of Hannah Arendt*. **Agathos**, 2011. Disponível em <http://www.agathos-international-review.com/issue2_2/16.%20Articol%2011%20-%20MIHAELA%20MORARIU.pdf> Acesso em 20/01/2018

MORRISSEY, Edward. *You're not Facebook's customer. You're it's product*. **THE WEEK**, 2018. Disponível em: <<https://theweek.com/articles/761830/youre-not-facebooks-customer-youre-facebooks-product>> Acesso em 25/04/2019

NEWPORT, Cal. *Quit social media | Dr. Cal Newport | TEDxTysons*. **Youtube**, 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3E7hkPZ-HTk>> Acesso em 26/02/2018

OREMUS, Will. *Are you really the product?* **Slate**, 2018. Disponível em: <<https://slate.com/technology/2018/04/are-you-really-facebooks-product-the-history-of-a-dangerous-idea.html>> Acesso em 25/04/2019

ORWELL, George. 1984. 4. ed. Madri: **Mestras**, 2008.

PICHAU, Sundar. *Privacy should not be a luxury good*. **The New York Times**, 2019. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2019/05/07/opinion/google-sundar-pichai-privacy.html>> Acesso em 08/05/2019

SOLON, Olivia. *You are Facebook's product, not consumer*. **Wired Online**, 2011. Disponível em <<https://www.wired.co.uk/article/doug-rushkoff-hello-etsy>> Acesso em 02/05/2019

TOFFLER, Alvin. *A Terceira Onda*. 16. ed. Rio de Janeiro: **Record**: s.d.

WALTON, Alice. *6 Ways Social Media Affects Our Mental Health*. **Forbes**, 2017. Disponível em <<https://www.forbes.com/sites/alicegwalton/2017/06/30/a-run-down-of-social-medias-effects-on-our-mental-health/#3c3029f22e5a>> Acesso em 09/03/2018

WALTON, Alice. *Phone Addiction Is Real - And So Are Its Mental Health Risks*. **Forbes**, 2017. Disponível em <<https://www.forbes.com/sites/alicegwalton/2017/12/11/phone-addiction-is-real-and-so-are-its-mental-health-risks/#7dd99c7313df>> Acesso em 09/03/2018

WALTON, Alice. *New Studies Show Just How Bad Social Media Is For Mental Health*. **Forbes**, 2018. Disponível em <<https://www.forbes.com/sites/alicegwalton/2018/11/16/new-research-shows-just-how-bad-social-media-can-be-for-mental-health/>> Acesso em 25/04/2019

Contatos: victorreismc@hotmail.com e patricio.dugnani@mackenzie.br